

Conchas, búzios e areias

RUI ALBERTO CARDOSO



Conchas, búzios e areias
Conchas, búzios e areias
Conchas, búzios e areias

CRÓNICA

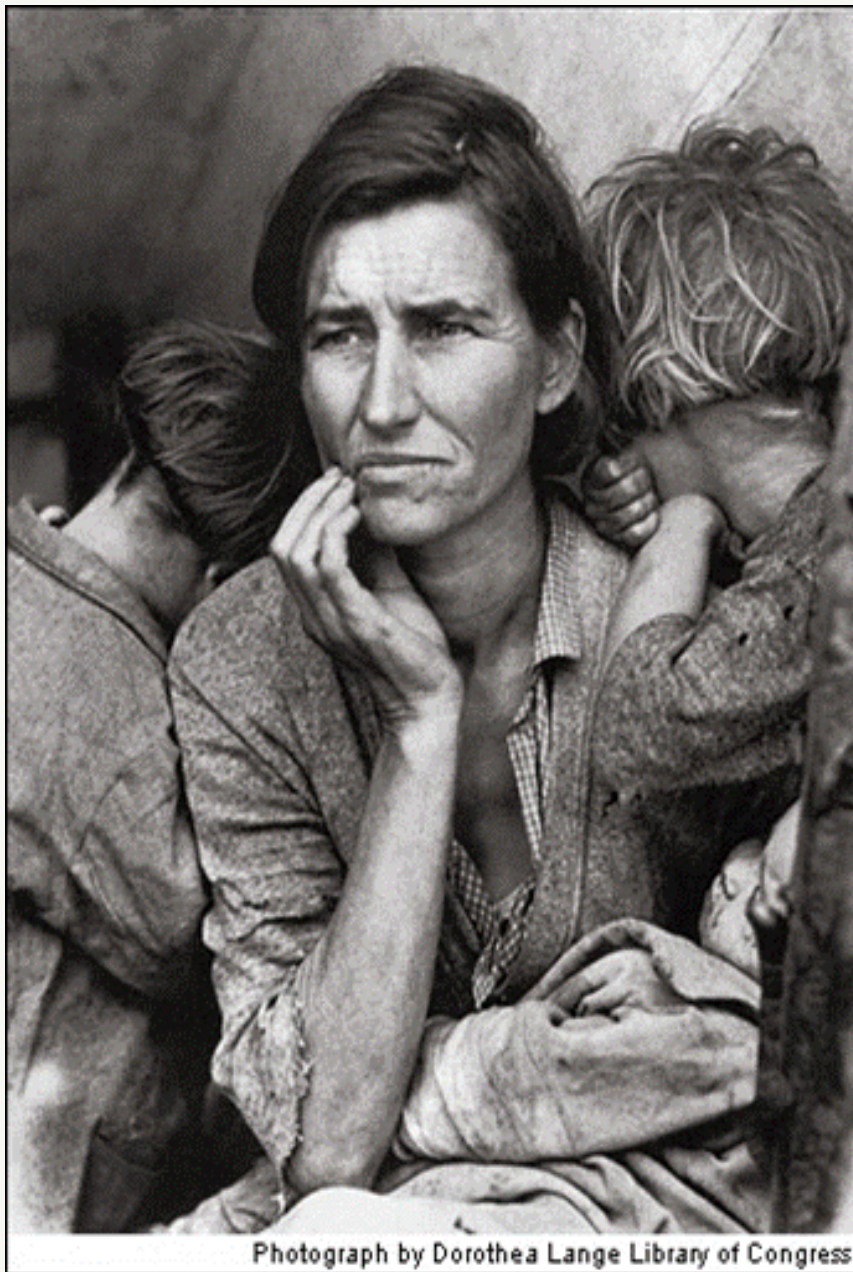
O baralho da sedução & avessos

Vulgarmente aspira-
mos dizer por dá cá
essa palha, amo-te.
Mas hoje acordei sem
vontade de amar
alguém (descul-
pem) nem sequer
o mundo até inte-
iro quanto mais
dizer-lhe *amor*
mio. Coisa de ino-
cência pensei, sem
centro ou desejo
que nela fosse tri-
go submerso, tal-
vez fascínios até
daqueles bravios
onde as cidades
rebetam sem
bombas mas mui-
tos procuram bon-
dades em cada
esquina , lívidas,
esquivas mas para
a alegria, quando
cuidamos segurar
bem a terra que
pisamos. Acordei
mas é com o bara-
lho da sedução aos
avessos! Acordei
com vontade de
dizer amo... é ver-
dade mas... acordei
com capricho ir
fazer um papagaio
de papel e acompa-
nhar as crias de
gaivotas que já
ensaíam voos...
procurar uma
criança que olhe o
céu neste início da
primavera das
cores vivazes nas
folhas, nos corpos
que deambulam
como mais corpos
do que são, neste
dia que não sei
jogar ao gamão
nem à bisca, neste
dia que nem esta
crónica me alegra
nem sequer ensina
dizer amo-te, acor-
dei com vontade de
não ir trabalhar no
hospital para rejeitar
os sangues entre os
dedos. Mas afinal
acordei... e a vizinha
que é coxinha, aca-
bou de atirar ao soa-
lho o milho ao pom-
bo *Roberto* em
estrondos secos. O
que rolha o bicho!
Quantas vezes em

adormecer o som estali-
dado seco surgir despe-
daçar-me a dormência
do beijo, parece panca-
das de Molière no teatro
estalidos num argumen-

labirintos somente, disse-me o
psiquiatra. Mas continuo a pen-
sar possível ter sonhos acorda-
do. Penso mesmo até a sonhar
que as guerras não valem, que
o amanhã é sempre amanhã se

cada que nem sabe deitar
milho aos pombos? Que é
feito dos escribas nos jornais
sequer chorarem sobre a
palavra, nem amestrar com
leite *light* sentimentos para
quem acorda
sem com-
preender o
mundo?
Acordo sem
vontade de
amar alguém.
Nem esta cró-
nica me faz
feliz, é só
desprezo sem
egoísmo. Tal-
vez nesta cró-
nica quisesse
colocar uma
vontade afligi-
da comigo,
teimar recor-
dar só a pétala
que desfraldei
ao vento, só o
cabelo desgre-
nhado que
afaguei, até só
o livro de
lombada pros-
trada atirado à
concha na
estante. Acor-
do assim mui-
tas vezes mas
inconformado
com o meu
baralho da
sedução, com
azares em que
nem sequer
faço figas. Por
esta crónica
sei que acor-
dei para escre-
ver a verdade
do meu des-
prezo pelos
que fazem
guerras. Acor-
dei para que-
rer saber amar
quotidianos
olvidados nas



Photograph by Dorothea Lange Library of Congress

to do meu sonho que
devia ser afinal um futu-
ro, parecem balas aos
encontrões. De encontro
a pessoas em humildes
que têm só o amor como
gáudio. Aos encontrões
contra outras pessoas
para matá-las sem direi-
to ao silêncio de uma
dádiva, ao gesto precá-
rio como é na amizade.
Acordei comovido nos

bastar à felicidade poder beijar
alguém pelo esplendor de toda
a realidade, ou ter perto uma
criança a brincar nas fantasias
que poderão ser reais. Acordo
frequentemente comovido. E
frequentemente acordo sem
lembrar sonhos e sei, é mais
um dia para sonhar acordado.
Saio então à rua e que é feita da
criança que desabitou o olhar
para o jeito do céu? Que é feito
do arrogante na sisma encasa-

casas que são todas femini-
nas. O mundo tem um bara-
lho de sedução e até desco-
brir-lhe os avessos tenho que
penar muito. É assim cada
vez que os dias não merecem
os nossos sonhos ou não têm
um céu para os lados de
cima.
(Nesta Crónica recordo silên-
cios de ex-colegas de trabalho
na imigração Suíça nos anos 80
e 90)
Paço de Arcos, Março 2010